

Um projecto para aumentar a participação cívica das mulheres

Projecto de Mentoria é "iniciativa pioneira" da Rede Portuguesa de Jovens Para a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens

ANA CRISTINA PEREIRA



Oriana Moreira, Mariana Branco e Sílvia Vermelho três das mentoradas num projecto que tem como objectivo uma sociedade mais justa

Há uns três anos, Oriana Moreira fez um trabalho de grupo com um rapaz e espantou-se - "Ele partiu do princípio que eu devia limpar a mesa por ser rapariga". A estudante de Direito da Universidade do Porto é "contra qualquer forma de discriminação". E nenhuma a incomoda mais do que a de género - "a única que se aplica a mais de 50 por cento da população".

Oriana tem uma mentora: Maria de Belém Roseira, que já foi ministra da Igualdade. O projecto de "mentoria" é da Rede Portuguesa de Jovens Para a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens. De Mulher para Mulher ou uma trintena de "mulheres com reconhecimento mérito" para uma trintena de jovens "com interesse em aumentar a sua participação cívica" (de Aveiro, Braga, Porto, Viana do Castelo, Castelo Branco, Lisboa e Setúbal).

Houve um processo de selecção. O número de candidaturas superou o número de vagas. Mariana Branco nem queria acreditar quando se soube uma das escolhidas. Estudante do 2º ano de Economia da Universidade do Porto é mentorada de Ilda Figueiredo, eurodeputada da CDU que tirou o mesmo curso na mesma instituição. "Sempre quis ter maior participação cívica e sempre me interessei pelas questões das mulheres", apregoa. Antes, estava limitada ao coro da faculdade. Agora, fervilha.

A atitude de Mariana não é muito vulgar. Como referiu

Isabel Romão - presidente do Comité Director para a Igualdade entre Mulheres e Homens do Conselho da Europa, no seminário inaugural do programa de mentoria, que decorreu na Fundação de Serralves, no Porto - boa parte dos jovens "não vê a discriminação e os estereótipos de género como um problema que os afecta". Resultado? Nem sempre encaram a igualdade como uma luta na qual devem empenhar-se.

Combater o défice de participação feminina

O De Mulher para Mulher ambiciona ter "um efeito multiplicador", sintetiza a coordenadora Marta Costa. Procura pôr os holofotes no défice de participação feminina "na gestão empresarial, na vida pública e política", fazer destas raparigas agentes activos da mudança. Para que, no futuro, "mulheres e homens tenham a mesma influência e força".

Oriana (18 anos) lembra-se de ir aos seis anos para o ballet e de estranhar só haver raparigas na aula quando via rapazes a dançar nos vídeos. Ana

Oriana (18 anos) lembra-se de ir aos seis anos para o ballet e de estranhar só haver raparigas na aula quando via rapazes a dançar nos vídeos

Margarida Santos - 27 anos, licenciada em Antropologia, mentorada de Ana Vicente, ex-presidente da Comissão Nacional para a Igualdade e Para os Direitos da Mulher - também acusa desigualdade no quotidiano.

Ana Margarida nem precisa de fixar dados precisos (como o facto de apenas 19 câmaras municipais portuguesas serem presididas por mulheres). Basta-lhe ver o que se passa dentro das famílias, primeira instância do exercício da cidadania. "Mesmo na minha geração, acontece bastante ser a mulher a tratar da casa, dos filhos", diz. E esse défice de participação masculina na vida familiar tem repercussões na participação feminina na vida pública.

Mas o De Mulher para Mulher não se limita a sensibilizar, integra também o desenvolvimento de competências: encontros onde as 30 jovens convivem e aprendem, por exemplo, a expor ideias, a gerir conflitos, a tomar decisões. Sílvia Vermelho é a mentorada mais nova do grupo. "Como as outras", ambiciona "obter conhecimento, ferramentas para poder agir".

A caloiira de Ciências Políticas da Universidade Técnica de Lisboa só tem 16 anos. Regina Tavares da Silva faz o que ela, um dia, gostaria de fazer na vida. Actualmente, a mentora é membro do Comité das Nações Unidas para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres e do Comité Con-

sultivo da Convenção Quadro para a Protecção de Minorias Nacionais do Conselho da Europa. Com ela, Sílvia sente-se "crescer".

No fundo, a mentoria é uma "passagem de testemunho", como diz Ana Concello, vice-presidente do Lobby Europeu de Mulheres. E o programa, sublinha Marta Costa, incentiva as jovens a debaterem os seus problemas, a formularem as suas próprias reivindicações, a lutarem para as concretizar.

Cada rapariga tem de desenvolver um projecto próprio - com sustentabilidade no tempo (ver texto na página seguinte). Sem receio de qualquer rótulo feminista. Afinal, como define a jovem Oriana, "o feminismo não tem nada de radical, é um movimento pela igualdade de género".

O laço com as mentoras foi estabelecido em Outubro. "Temos encontros, falamos sobre a vida dela, sobre a minha vida, ela ajuda-me a operacionalizar conceitos, a definir as linhas do meu projecto", explica Mariana Branco. Com maior ou menor número de encontros, as relações entre mentoras e mentoradas processa-se assim. As mulheres mais velhas partilham experiências. Cabe-lhes também alargar a rede de relações das suas pupilas. E isso, por vezes, é uma aventura. Oriana, por exemplo, participou a campanha para as autárquicas, esteve na caravana do PS e na do PSD, para perceber "como se fazem as coisas", para ganhar contactos. ■